

# REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES E AS LIMITAÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS PARA A REPRODUÇÃO DO CAPITALISMO: um estudo sobre o “Colapso da Modernização”

MARCELO CAETANO DE CERNEV ROSA

Prof. do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina

resumo

Este trabalho se constitui em uma reflexão sobre a análise de Robert Kurz, no que tange às potencialidades e limitações histórico-sociais da expansão do capitalismo, e de suas contradições internas. Trata-se de uma análise, que tem como foco, uma obra polêmica e de grande relevância para a sociologia contemporânea, à medida em que recoloca em discussão, algumas questões que aparentemente já estariam “resolvidas” com o fim do chamado “socialismo real”.

**Palavras-Chave:** capitalismo, socialismo real, alienação, modernização, colapso econômico, caos, fim da história.

## FIM DA HISTÓRIA OU COLAPSO DO CAPITALISMO?

O Colapso da Modernização de Robert Kurz, ao trazer à tona da Sociologia contemporânea uma reflexão crítica sobre o futuro da sociedade capitalista, reascende um debate bastante interessante sobre as potencialidades do socialismo e do capitalismo na década de 90.

A discussão desenvolvida neste trabalho se remete diretamente à tese levantada em 1989 por Francis Fukuyama, segundo a qual, com o colapso do socialismo real, o capitalismo teria provado, historicamente, se constituir no “melhor sistema” sócio-econômico. Fukuyama, inclusive, procura enfocá-lo, como se nele estivessem contidos um modelo definitivo e racional de sociedade e de Estado, tal como Hegel acreditava poder existir. Teríamos chegado, segundo esse autor, ao que denomina como o “fim da história”.

Contra essa hipótese de Fukuyama, Kurz procura fazer uma análise que não se limita ao socialismo real, mas que engloba o próprio

capitalismo a nível mundial, numa espécie de metacrítica. Seu objetivo é demonstrar que não somente essa tese é falsa, mas que também estaríamos nos aproximando de uma crise sem precedentes na história, que colocaria em colapso todo o sistema capitalista.

Para comprovar a falácia da hipótese de Fukuyama, o autor procura demonstrar que desde o princípio da constituição do chamado socialismo real, apesar das “tentativas” de se criar um sistema que realmente fosse diametralmente oposto ao capitalismo, esse socialismo guardou grandes semelhanças com o sistema capitalista. Nesse sentido, seu raciocínio indica a existência de uma base comum entre ambos os sistemas econômicos, e essa semelhança reside especificamente no fato de que ambos identificam a sociedade como sendo a “*sociedade do trabalho*”.

“A controvérsia social e histórica que até agora dominou a modernidade, compreendida pelo marxismo como luta de classes, apoiou-se em um fundamento comum, a sociedade de trabalho, fundamento que deixa

agora transparecer sua limitação e, caído em crise, aguarda sua dissolução” (p. 20).

Mas o que isso significa em termos práticos?

Significa que em ambos os casos, a lógica capitalista baseada na obtenção de um sobre-trabalho (ou mais-valia) e na acumulação desse como trabalho morto, que se constitui, ao longo do ciclo do processo, em capital, continuou existindo sem alterações significativas no que diz respeito à sua lógica interna.

Desta forma, mesmo que na União Soviética a “classe dos capitalistas” tenha sido expropriada do seu monopólio dos meios de produção, e que estes tenham sido colocados totalmente sob o controle estatal, o fato de “extinguir-se” com a classe capitalista, não significa necessariamente que se esteja caminhando para uma sociedade realmente socialista. Isto, porque se por um lado não há uma classe capitalista, por outro, à medida em que os elementos básicos do processo de produção não foram alterados, as próprias empresas estatais que monopolizaram esses meios de produção passaram a desempenhar o papel outrora desempenhado pelos “capitalistas”.

Assim, segundo Kurz, não teríamos tido uma sociedade socialista de fato, mas sim uma sociedade que se organizaria através do que talvez poderíamos denominar como um “capitalismo estatal”. E o que é mais grave, se o socialismo se propunha a possibilitar o estabelecimento de uma sociedade onde não mais existisse o trabalho alienado, tal como no modelo ocidental, esta alienação no socialismo real continuou existindo, porém não através de um ethos protestante, tal como demonstrado por Weber - como um importante elemento dentro da lógica ocidental - mas através de um ethos quase que religioso de justificação do próprio sistema socialista. Nas palavras do autor:

“Em nenhum outro lugar, esse ethos protestante do homem abstrato de trabalho dentro de uma sociedade transformada numa máquina de trabalho, declarado por Max Weber como característica constitutiva ideológica e histórica do capitalismo, foi posto em prática com mais fervor e rigor do que no movimento operário e nas formações sociais do socialismo real.” (p. 22)

Em outras palavras, a exploração do trabalho e a acumulação de capital no interior da sociedade socialista se justificavam pela própria necessidade de se modernizar esta sociedade, à medida em que ela se constituía numa sociedade “atrasada” em relação ao ocidente; e também à medida em que para esse fim, a exploração da força de trabalho era a única “alavanca” que poderia ser colocada em movimento, uma vez que a União Soviética não poderia contar com auxílio econômico de nenhum outro país.

Se compreendermos que, tal como demonstrado por Kurz, o socialismo real não eliminou as categorias básicas do mercado e também o princípio básico do trabalho abstrato, elementos esses peculiares ao capitalismo, poderemos compreender, que na verdade, o socialismo real não trouxe, necessariamente, uma substituição da formação social própria ao capitalismo.

Desta forma, segundo Kurz ainda que aparentemente não nos pareça, o socialismo real esteve inserido dentro da própria lógica capitalista, uma vez que a lógica do trabalho abstrato e da acumulação de capital continuou sendo a mola propulsora de todo o sistema. Um socialismo que não se livrou do fetiche da mercadoria, mas que inclusive o utilizou para promover um rápido desenvolvimento de um país caracterizado pela sua estrutura agrária e arcaica, a uma das potências mundiais de meados do século XX.

Segundo o autor, essa tarefa desenvolvimentista do socialismo real, em nada se difere dos processos históricos de desenvolvimento do ocidente, motivo pelo qual, o denomina como um “regime modernizador protocapitalista de sociedades burguesas atrasadas”.

Kurz procura demonstrar que a proposta de um Estado Socialista desenvolvida pelo socialismo real, à medida em que se afastava da proposta política de Marx, se aproximava muito mais de um “Estado Racional” e de uma política mercantilista tardia, tal como propostas por Fichte, do que de um Estado que procuraria pôr em prática um socialismo verdadeiro. Por outro lado, segundo o autor, não seria possível colocar em prática o programa da crítica da economia política desenvolvida por Marx, uma vez que ainda não existiam as condições históricas para

tal.

## O QUE SIGNIFICA A CRISE DO SOCIALISMO REAL NO INTERIOR DO PENSAMENTO DE KURZ?

Como vimos anteriormente, no raciocínio desse autor, a crise do socialismo real não representa, tal como proposto por Fukuyama, a vitória do capitalismo numa disputa entre sistemas econômicos. Na verdade, segundo Kurz, seria uma atitude completamente equivocada de nossa parte, a de analisarmos o socialismo real como um sistema essencialmente distinto do capitalismo ocidental, quando de fato ele não o foi. Assim, toda e qualquer análise que contrapusesse o chamado socialismo real ao capitalismo como sistemas distintos chegaria a conclusões muito superficiais.

Uma vez fazendo parte da lógica global do capitalismo, a crise do socialismo real seria apenas uma das etapas de uma crise mais abrangente do próprio capitalismo, que teria se iniciado nos países do terceiro mundo, incidido posteriormente sobre o socialismo real e que em sua fase atual, já estaria afetando os países do ocidente.

Segundo o autor, o capitalismo a nível mundial está atravessando uma crise que se dá em sucessivas fases. Todas elas decorrentes da própria contradição lógica de um sistema que se assenta sobre uma base econômico-social que tem como finalidade exclusiva, a de conseguir acumular capital através da utilização do trabalho abstrato. Em outras palavras, trata-se da crise da própria forma de produção que se orienta pela lógica fetichista da mercadoria, e que é marcada por uma certa "irracionalidade" por não levar em conta as conseqüências negativas que possui.

"A exploração abstrata de força de trabalho humana emprega a mesma abstração frente às matérias naturais exploradas nesse processo. O trabalho abstrato como ponto de partida e de chegada da mercadoria moderna, a partir do momento em que se torna princípio geral da reprodução global, está destruindo com velocidade crescente os

fundamentos naturais comuns da humanidade..." (p. 203).

Esta crise estaria se manifestando, de um lado, pela potencialização que o emprego da ciência e da tecnologia estaria trazendo para o incremento da produtividade do trabalho abstrato, e pelo considerável aumento - possibilitado pela globalização - da velocidade do giro do capital, que passa a fluir simultaneamente de vários lugares do mundo; e por outro, pelo fato de que cada vez mais a capacidade aquisitiva vai sendo destruída a níveis globais pela própria concorrência, aumentando ainda mais, as já profundas desigualdades sociais.

Desta forma, segundo ele, o sistema econômico se tornaria cada vez mais fechado em si mesmo, eliminando e excluindo grandes contingentes populacionais se limitando, aparentemente, a um rol de poucos "vencedores" que se contraporiam em relação a um imenso conjunto de "perdedores globais".

Quando Kurz aprofunda sua análise do sistema econômico global atual, ele consegue vislumbrar que o caráter excludente do mercado capitalista não tem se manifestado somente em relação ao conjunto dos países periféricos e dos países do chamado ex-socialismo real. Na verdade, a destruição da capacidade de consumo estaria se dando inclusive no interior dos próprios países considerados como "vencedores" tais como os EUA e a Inglaterra, por exemplo. Segundo seu raciocínio já podemos assistir nesses países à emergência de um desenvolvimento do setore terciário que, de certa forma, estaria procurando remediar uma degeneração do setor secundário propiciada pelo próprio mercado internacional. Assim, tanto os EUA quanto a Inglaterra, dentre outros países considerados como membros do "ocidente vitorioso", já estariam sofrendo as conseqüências da lógica destrutiva do movimento do capital.

Até mesmo o Japão e a Alemanha, que atualmente estariam desempenhando um considerável papel na manutenção da capacidade de consumo desses países, emprestando-lhes parte de seu excedente para financiar as suas próprias exportações, também estariam prestes a "embarcar" no redemoinho de uma crise econômica sem precedentes em toda a história, e que provavelmente começaria através de uma crise financeira mundial. Desta forma, esse título, por assim dizer, de "vencedores" não passaria de uma ilusão, à medida em que todo o sistema já estaria comprometido pelo

fato de que a sua lógica interna estaria caminhando para um colapso econômico mundial.

No decorrer de sua análise Kurz procura demonstrar, que ao longo da história, o capitalismo tem se valido não somente do monetarismo, mas também do estatismo em doses variáveis de acordo com cada país e conjuntura histórica particular, como elementos necessários para possibilitar a sua continuidade e também para a superação de suas crises. Desta forma, um dos principais motivos para o colapso da economia dos países do socialismo real, teria sido a sua incapacidade de alternar estatismo e monetarismo, tal como nos países do ocidente.

Entretanto, simultaneamente ele procura demonstrar também, que mesmo podendo adotar uma economia de orientação neoliberal, em substituição a uma política econômica relativamente intervencionista de origem keynesiana, os países supostamente vencedores vêm passando nos últimos quinze anos, por um agravamento considerável de seu quadro econômico.

Em suma, podemos dizer que segundo esse autor, se por um lado o socialismo real demonstrou ser economicamente inviável, por outro, o neoliberalismo também não se constituiria numa solução definitiva para a economia capitalista, mesmo para as economias “mais avançadas” do capitalismo mundial. Isto, porque ao contrário do que crêem os neoliberais, e do que a tese de Fukuyama parece admitir, as contradições internas do sistema capitalista o incapacitariam de se expandir infinitamente.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA DE KURZ

Podemos perceber na proposta de análise do autor, segundo a qual o sistema capitalista estaria entrando em colapso, que esse se daria em virtude de uma conjuntura que englobaria alguns elementos bastante significativos: o agravamento da tensão entre capital e trabalho, a incapacidade do Estado em continuar controlando esse conflito, o caos social, e em virtude deste último, a possibilidade de se “desfazer” o fetiche da mercadoria.

Segundo Kurz, devido à dinâmica altamente excludente do sistema capitalista, que deixaria à margem do processo produtivo uma parcela progressivamente crescente da população, e que já

estaria minando a própria economia financeira através do aumento das atividades especulativas e improdutivas, as desigualdades econômicas a nível global se acentuariam de tal maneira, que tornariam totalmente sem sentido, que essas populações excluídas continuassem orientando suas vidas pelas “categorias burguesas” de existência, e que inclusive continuassem respeitando as “regras do jogo”. Por outro lado, o mundo estaria mergulhando numa crise econômica sem precedentes. Assim, ele se transformaria num grande caos, numa barbárie, o que dentre outros fatores também seria possibilitado em virtude da crise do Estado em administrar o conflito entre Trabalho e Capital.

Nesse quadro de um verdadeiro “final dos tempos” traçado pelo autor, o dinheiro que se constitui no interior da lógica capitalista como a mercadoria mais fetichizada de todas, perderia totalmente a sua capacidade de orientar a vida das pessoas, ou em outras palavras, perderia completamente o seu fetiche. Desta forma, segundo o autor, estaríamos caminhando rumo a um período de trevas na história da humanidade sem termos outras alternativas históricas que nos possibilitassem mudar de direção.

Várias são as possibilidades de crítica à proposta de Kurz, assim, gostaríamos de elencar algumas delas: Em primeiro lugar, se por um lado, como ele procura ressaltar a partir de Marx, o desenvolvimento das forças produtivas traz como conseqüência uma diminuição da demanda da força de trabalho; por outro, há de ser considerado também que no processo de produção capitalista não existe um movimento homogêneo de “modernização” das formas de produção que se estenda sobre todos os ramos da produção existentes no interior de uma dada sociedade. Isto implica dizer que numa sociedade capitalista, tal como Marx já o demonstrara, muitas vezes continuam existindo determinadas formas de produção que não são necessariamente capitalistas, ainda que estejam subordinadas a estas, e que evidentemente continuariam possibilitando empregar parte da força de trabalho existente.

Por outro lado, também teríamos que levar em consideração que com a flexibilização das jornadas de trabalho e com a terceirização, uma parcela significativa da população desempregada poderia ser novamente incorporada pelos processos produtivos, ainda que temporariamente.

Mesmo que a manutenção de processos de trabalho não propriamente capitalistas, e que as

novas formas de trabalho advindas da flexibilização das jornadas e da terceirização de parte da produção, não sejam suficientes para empregar a grande massa de pessoas desempregadas em virtude do desenvolvimento tecnológico dos processos produtivos, não podemos nos esquecer de alguns pontos fundamentais: O desemprego, desde a constituição do capitalismo, sempre fez parte de sua dinâmica, e mesmo durante algumas das crises cíclicas do capital, quando foi agravado, não se constituiu num elemento de aglutinação suficientemente eficaz da classe trabalhadora, ao ponto de ameaçar o sistema, e muito menos no sentido de possibilitar um movimento de “desfetichização” da lógica da mercadoria. Além disso, gostaríamos de destacar que Kurz parte da “constatação” de que já vivemos num mundo globalizado, quando na verdade, diversos autores procuram demonstrar que a globalização não é um processo tão homogeneizador quanto parece ser.

Como IANNI destaca, a dinamização que as telecomunicações e a informática proporcionaram ao mundo no sentido de integrá-lo e de alterar a relação tempo-espço, são inegáveis, porém num mundo tão marcado pelas contradições sociais, a globalização antes de homogeneizá-lo acaba por globalizar estas contradições, muitas vezes inclusive, transformando situações de diversidade cultural em desigualdades sociais e em estigmas. Assim, não poderíamos generalizar a crise do Estado na administração do conflito, de maneira tal, a ignorar que paralelamente à tendência homogeneizadora da globalização existe todo um processo que poderíamos considerar como de “resistência” marcado pelo desenvolvimento de um processo de regionalização, que à medida em que impede uma globalização total, acaba por reforçar o poder dos Estados Nacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns autores, tais como GIANNOTTI e OLIVEIRA, ao se referirem ao trabalho de Kurz procuram destacar, dentre outros pontos, a inadequação de sua análise, no que diz respeito à formulação de uma metacrítica que procure englobar processos sócio-econômicos e políticos tão distintos como o capitalismo e o socialismo real.

Segundo esses autores, Kurz teria sido muito infeliz em considerar a economia soviética como

um “capitalismo de estado”, por não levar em conta as especificidades da produção soviética, dentre as quais, o fato de que os preços das mercadorias não atendiam propriamente a uma lógica de mercado, mas, eram determinados pelo próprio planejamento estatal. Em síntese, poderíamos dizer que segundo esses autores, Kurz parece ter “misturado as estações”.

A análise que procuramos realizar nesse trabalho nos aponta para a necessidade de relativizarmos esse tipo de crítica, à medida em que o trabalho de Kurz, sem dúvida alguma, se mostra muito significativo para refletirmos sobre o fim do socialismo real e também sobre a falácia da ridícula tese de Fukuyama.

Entretanto, em nossa opinião, Kurz peca, e em muito, no que diz respeito à inexorabilidade da trajetória da humanidade rumo a uma crise econômica global, à medida em que não leva em conta o grande número de variáveis existentes - tanto a nível econômico, político e cultural que têm colocado determinados limites, e até mesmo causado alguns impasses para a constituição de um mundo globalizado - e mais do que isso, procura substituir a realidade empírica que é multifacetada por uma interpretação mecanicista e um tanto quanto forçada desta realidade.

Em síntese, poderíamos dizer que o modelo traçado por Kurz, realmente coloca em xeque a continuidade da equação capitalista que sustenta esse modo de produção. Todavia, trata-se de um modelo teórico, e a argumentação do autor não consegue provar a sua correspondência com a realidade. Assim, o modelo é logicamente coerente, entretanto, de forma alguma poderíamos afirmar que a realidade caminharia necessariamente por ele.

E ainda, se existe atualmente uma “crise da modernidade”, em nossa opinião, as causas para esta crise não poderão ser procuradas somente no nível da infra-estrutura econômica da sociedade, há de se considerar também outras esferas, inclusive a própria cultura. Algumas das análises realizadas por autores como GIDDENS e ARENDT, por exemplo, parecem ser muito sugestivas a esse respeito.

## BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, Hanna. Entre o Passado e o Futuro, São Paulo: Perspectiva, 3. ed, 1992.

GIANNOTTI, José Arthur. “As Diabruras Metafísicas de Robert Kurz”, Novos Estudos, Julho/1993, n.º 36.

GIDDENS, Anthony. As dimensões da modernidade. In: As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. Confiança e Modernidade, In: As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

IANNI, Octavio. A Sociedade civil mundial, In: A Sociedade Global, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

KURZ, Robert. O Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4. ed, 1996.

\_\_\_\_\_. “A Estupidez dos Vencedores”, Folha de São Paulo, 06.08.95.

\_\_\_\_\_. “Perdedores Globais”, Folha de São Paulo, 01.10.95

OLIVEIRA, Francisco. “De novo, o Apocalipse, ou da Inutilidade de(o) Ser Humano”, Novos Estudos, Julho/1993, n.º 36.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser.” Colapso da Modernização ou Crise Cíclica?”, Novos Estudos, Julho/1993, n.º 36.